

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
(triumphi Ecclesiae)... in Christo Jesu.

id. 13, 14.

## Summario

**P**ROVISÃO DE S. EX.ª R.ª O SR.  
BISPO DA GUARDA. — SECÇÃO  
RELIGIOSA: *Os principios  
catholicos perante a razão*, (con-  
tinação), por D. Francisco Xa-  
vier Garcia Rodrigo. — SECÇÃO  
SCIENTIFICA: *As conferencias qua-  
resmaes na Sé do Porto em 1884,  
II*, por Monsenhor Rodrigues  
Vianna (continuação). — SECÇÃO  
HISTORICA: *Tabela chronologica  
de todos os Bispos, Arcebispos  
e Bispos titulares coadjutores  
da antiga e muito illustre Igreja  
de Braga*, pelo Padre Alfredo  
Elviro dos Santos. — SECÇÃO  
CRITICA: *Os nihilistas portuguezes,  
I, I*, (continuação), por um  
amante da religião, da patria  
e do throno; *Estatistica*, por  
Dom Antonio d'Almeida; *Coi-  
sus! Coissas!*, por um leitor de  
gazetas. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *I  
—Christovão Colombo; II—Ge-  
nebra, Igreja de Nossa Senho-  
ra da Conceição*, por R. — SEC-  
ÇÃO LITTERARIA: *Gracia, ou a  
christã do Japão*, (continuação),  
versão do Padre Lima. — SEC-  
ÇÃO BIBLIOGRAPHICA: por A. dos  
Guimarães. — RETROSPECTO DA  
QUINZENA, por J. de Freitas.



CHRISTOVÃO COLOMBO

acha dividida em dois cam-  
pos de combate.

De desejar seria que to-  
dos os homens se tornassem  
operarios do bem: mas não  
é isso realisavel, porque é  
necessario que haja o mal,  
como das heresias e schis-  
mas diz o Apostolo. Mas é  
rigoroso dever combater  
pelo bem, para que elle  
não seja supplantado pelo  
mal, e é indispensavel, pa-  
ra dar o bom combate, que  
se reconheça a auctoridade  
do commandante e se obe-  
deça á sua voz.

Temeroso é, nos nossos  
tempos, o combate entre o  
bem e o mal. De todos vós,  
amados diocesanos, é bem  
conhecido o estado actual  
das sociedades.

As nações, ainda as mais  
fortemente organisadas, são  
ameaçadas de morte e vi-  
vem em continuos sobresal-  
tos. Grande é a propaganda  
do erro e do mal, e assom-  
brosos os meios de destrui-  
ção, que empregam os ope-  
rarios do mal, abusando  
das faculdades que Deus  
lhes deu e dos modernos in-  
ventos das sciencias e das

## GUIMARÃES 13 DE SETEMBRO DE 1884

### Provisão de S. Ex.ª R.ª o Snr. Bispo da Guarda

*Dom Thomaz Gomes d'Almeida, por  
mercê de Deus e da Santa Sé Aposto-  
lica, Bispo da Guarda, do Conselho  
de Sua Magestade, Par do Reino  
etc., etc.*

Ao Clero e Fieis d'esta nossa Diocese, saude, paz  
e benção no Senhor

1

**I**NVESTIDO da presidencia d'esta San-  
cta Igreja Egytaniense e collocado  
n'este lugar de tanta responsabilidade,

de, cumpre-nos, em desempenho da nos-  
sa pesada missão e tambem para corres-  
ponder ás recommendações paternaes do  
Nosso SS. Padre, vigiar pela integridade  
da fé, perfeição dos costumes, observa-  
cia da disciplina e augmento do culto no  
rebanho confiado aos nossos cuidados  
pastoraes.

O genero humano, depois da revolta  
do primeiro homem, está dividido em  
dois partidos diversos e adversos. (\*)  
Esta vida terrena do homem é uma vida  
de privações e combates. Não é, nem  
póde ser outra cousa. As corôas de jus-  
tiça se reservam para uma vida poste-  
rior.

A cada um incumbe aceitar a vida  
como ella é. A humanidade militante se

artes.  
A Igreja, de que temos a ventura de  
ser filhos, e para quem nenhum mal,  
que soffre o homem, é alheio, e o seu  
Supremo Chefe não podiam ser indiffe-  
rentes a tantos males.

O SS. Padre Leão XIII, que com tanta  
sabedoria e prudencia preside aos desti-  
nos da Sancta Igreja, seguindo os vesti-  
gios de seus illustres predecessores, aca-  
ba de, mais uma vez, dar a voz de âl-  
erta, apontando para essas associações se-  
cretas, que infelizmente tanto abundam,  
como principal origem de tantos males  
que affligem as sociedades.

De todos vós, caros diocesanos, é co-  
nhecida a Encyclica—*Humanum Genus*  
—de 20 d'abril d'este anno.

A tão notavel documento, em que  
transluz a sabedoria pontificia, o zelo  
pela salvação das almas e ainda o amor

(\*) Encyc. *Humanum Genus*.

pelo bem dos homens e da sociedade, só junctamos a nossa debil voz para a recommendar á vossa attenção e observancia. Ouvi a voz do Supremo Pastor, que só mira ao vosso bem, e para quem seria, sem duvida, mais commodo guardar silencio, mas que não pôde calar.

N'ella se renova a pena, já anteriormente imposta, de excommunhão maior, aos que estão illiados nas sociedades secretas, de qualquer denominação que sejam, pena gravissima e que inculca assás a gravidade da culpa, pois que importa exclusão da sociedade catholica.

Toda a sociedade, regularmente organizada, se arroga o direito de excluir de si os socios que julga prejudiciaes. A Igreja catholica tem—e não podia deixar de ser—seu systema de penas; mas todas ellas, por mais graves que sejam, são medicinaes e miram principalmente á regeneração do peccador, cessando com a emenda d'elle. Por isso o SS. Padre, ao passo que aponta os males que derivam d'essas associações que, por isso que otram o mal, odeiam a luz, indica tambem os remedios para elles, e, com as penas e censuras, os meios de remissão e absolvição. Estes, muito especialmente recommendamos aos RR. Parochos e Confessores, que os tenham em muita consideração e observem, empenhando para isso seu zelo e boa vontade.

Não nos consta que n'esta nossa Diocese semilhanes seitas tenham lançado largas e profundas raizes, mas, se infelizmente ha filiados n'ellas, conscientemente ou illudidos, nós os exhortamos e convidamos a abandonal-as.

## II

Os meios de o conseguir resumem-se nas seguintes instrucções de 10 de maio, emanadas do Supremo Tribunal da Inquisição e approvadas pelo SS. Padre:

Por tempo d'um anno, a contar da data d'esta nossa Provisão, se suspende, n'esta Diocese, a obrigação de denunciar os filiados nas associações secretas, e a reservação das censuras, podendo os confessores, legitimamente approvados, absolvel-os e reconcilia-os com a Igreja, uma vez que estejam arrependidos e abandonem as seitas a que pertencem.

Os Parochos, Prégadores, Confessores, Mestres e Chefes de familia empenhem suas diligencias em combater no seio da familia, na escola e no tempo, suas funestas doutrinas, em procurar instruir a todos, e mormente os mancebos, na fé e formal-os nas virudes christãs, em reconduzir ao caminho da salvação os transviados e em precaver os que ainda o não estão, e em excitar nos fieis e especialmente nas classes dos artistas, operarios e pobres, o amor para com a Sancta Igreja, origem de tantos bens para o homem, a familia e a sociedade.

São punidas com excommunhão maior

*latae sententiae* a seita maçonica e outras d'este genero, designadas no capitulo 2.º, n.º 4.º da Const. *Apostolicae Sedis*, e que machinam contra a Igreja e os legitimos poderes, ou o façam publica ou occultamente, ou se imponha ou não juramento de guardar segredo.

E, alem d'estas, prohibidas sob culpa grave se devem evitar outras seitas, principalmente as que exigem com juramento de seus sequazes obrigação de segredo e inteira obediencia a chefes occultos, e em geral todas as que são dvidosas e perigosas pelas doutrinas que professam e procedimento de seus chefes.

## III

E, para melhor se conseguirem os fins intentados pelo SS. Padre e por nós, muito recommendado aos RR. Parochos e Capellães que, em desempenho das suas obrigações, façam explicação do Evangelho e ensinem a doutrina em todos os Domingos e dias sanctificados, á hora mais apropriada, e que, para os coadjuvarem, escolham e convidem as pessoas piedosas e instruidas d'um e d'outro sexo das differentes povoações a ensinar as creanças, n'esses dias e em outros, nas capellas e logares convenientes, competindo-lhes superintender e animar este importante serviço.

Escusado julgamos encarecer o dever e necessidade de doutrinar os povos. Remettemos para a Pastoral do nosso venerando antecessor de 25 de fevereiro de 1867.

E concedemos quarenta dias d'indulgencia, alem das muitas concedidas pela Sancta Sé, a todas as pessoas que ensinarem, e cada vez que o fizerem.

Os minoristas e os alumnos do Seminario, que frequentarem os estudos theologicos, são obrigados a fazer este serviço, e não poderão adeantar-se em sua ordenação, sem que os respectivos Parochos assim o atestem.

E, desde a Dominga da Septuagesima até quarta-feira de cinza, os fieis se apresentarão a exame na respectiva Igreja, e poderão confessar-se com qualquer confessor approvado, mas não commungar senão da mão do proprio parochos e não d'outrem, excepto com licença sua, que sómente concederá por escripto e por motivos justos e aos que souberem a doutrina; e não admittirá á communhão os que a ignorarem.

## IV

A Igreja, legataria das doutrinas do seu Divino Fundador, como elle se com-padece de todos os males que nos alligem. Nós somos apenas administradores, e não senhores dos bens que possuímos. Devemos compartil-os com os que não têm.

A morte e qualquer sinistro nos priva d'elles. Para cuidar das necessidades de

nosso diocesanos, se organizarão, em cada parochia, commissões permanentes de beneficencia, compostas, segundo a população da freguezia, de tres ou cinco membros, presididas pelo respectivo parochos, podendo aggregar pessoas piedosas do sexo feminino. Será conveniente que os parochos procurem para isto entender-se com as auctoridades administrativas, a quem, na conjunctura actual, é recommendado crear taes instituções temporarias.

Terão ellas por fim haver e repartir meios, com que se promova a frequencia das escolhas catholicas, a primeira communhão das creanças com a solemnidade possivel, a sanctificação dos domingos e dias sanctos, o soccorro dos desgraçados, especialmente em occasião de epidemias.

Escolherão para isso pessoas de probidade que em cada localidade recolham esmolos e donativos por occasião das colheitas e outras epochas do anno, que mais convenientes lhes pareçam.

Em Lisboa acaba de instituir-se canonicamente a «Associação para a sanctificação do Domingo». Gosa de muitas graças e favores especiaes. Quaesquer associações, canonicamente instituidas com o mesmo fim, lhe podem ser aggregadas pela Commissão Central. Muito recommendamos esta pia obra aos nossos diocesanos.

(Continúa.)

## Secção Religiosa

### Os principios catholicos perante a razão

#### I

#### O atheismo

(Continuado do n.º 20)

**O** MAGNIFICO espectáculo que a natureza offerece á nossa admiração, é outra prova não menos segura que eloquente da existencia d'um Deus creador e regulador de tantas maravilhas. Os planetas que povoam o espaço immenso não são obras casuaes, nem o ce-go acaso pôde dictar as admiraveis leis que regulam os seus movimentos ordenados por rumos invariaveis, de que não poderiam separar-se sem produzir um cataclysmo. Quem suspendeu o sol a uma distancia tão exactamente calculada, para que, sem destruir a terra, fecunde as suas entranhas mysteriosas fazendo-as brotar pouco depois essa vegetação brilhante que observamos? Quem concedeu á terra e mais agentes physicos a facultade de produzir as plantas? Em que consiste o segredo de combinação tão admiravel? . . . Esgota-se o entendimento humano para encontrar fóra de Deus a causa d'estas maravilhas

... Não é a maior insensatez levantar a vista ao firmamento e não nos convencermos de que existe Deus (1)?

Se apartamos a vista da abobada celeste para a fitarmos no globo, encontramos ahi provada repetidamente a existencia do seu Creador. A infinita variedade de seres que povoam os mares e a terra, e dos que incessantemente cruzam o espaço; a sua ordem admiravel de reproducção, cadeia mysteriosa que une todos os individuos com o primeiro da sua especie: essas leis geraes a que obedecem todos os entes animados, assim o insecto microscopico como o leão forte e poderoso, a debil avezinha como a soberba aguia, e tanto o peixe pequenino como o cetáceo gigantesco, não revelam a existencia do Creador? Como se atreve o atheismo a ensinar que tão admiravel ordem e harmonia só pôde ser uma combinação casual da materia? Seria desestimado e olhado como louco quem pretendesse convencer-nos de que, revolvendo todas as letras d'uma imprensa, possa ser possível compor os moldes sem necessidade alguma da habil mão do typographo. São mais dignos de compaixão que de desprezo os preocupados defensores de utopias igualmente ridiculas.

Todos os homens pensadores acham impossível a organização politica de uma sociedade athea; porque a acção necessaria da lei só alcança o fóro externo, e é muito imperfeita a obediencia quando não é dictada pelas prescripções do dever moral. O homem busca meios e pretextos para illudir a obediencia das leis que contrariam os seus interesses ou os costumes, e a lei ficaria a final burlada se os preceitos da sua religião não lh'o prohibissem de um modo tão severo. Platão escrevia ha muitos seculos: *A maior desgraça de todas as republicas é a ignorancia do verdadeiro Deus: e assim é como destroem os fundamentos da sociedade os que rejeitam a religião* (2).

Com sobeja razão negam todos os philosophos de bom senso e de solidos principios a existencia do atheismo especulativo; porém existe desgraçadamente a pratica d'este erro funesto, em que se precipita o homem orgulhoso e insensato, quando os favores da fortuna inconstante lhe proporcionam uma vida torpe e descuidosa: para estes sectarios de Epicuro escrevia-se ha trinta e quatro seculos o seguinte: *O homem vão eleva-se em soberba, e julga ter nascido livre, como a crua do montanhez*. (3)

Professam a pratica do atheismo, d'este parto monstruoso do seculo XVIII, esses scepticos em religião, os racionalistas cansados de inuteis divagações, e

muitos potentados que errando o sancto emprego de seus bens, esquecem as necessidades publicas e a miseria do proximo para dissipar em illicitos prazeres sommas fabulosas. Tão antigo é no mundo o atheismo pratico, que Moyses escrevendo a philosophica historia de Job o Idumeo, lamenta o homem abandonado ao objecto sensualismo, revela-lhe o justificado enfado do seu Deus e os castigos que na vida futura estão reservados a este crime. E como os seus conceitos profundissimos estão indicando com admiravel exactidão o vicio fatal que domina a nossa sociedade moderna, julgamos opportuno inserir n'estas paginas um fragmento d'aquelle livro.

«Elles passam seus dias em prazeres, e n'um momento descem á sepultura... Estes são os que disseram a Deus: *retira-te de nós, pois não queremos a sciencia de teus caminhos... Quem é o Todo-Poderoso para que o sirvamos? E que nos aproveita que lhe façamos orações? Mas porquanto não estão na mão d'elles os seus bens, longe esteja de mim o conselho dos impios... Quantas vezes se apagará a lucerna dos impios, e lhes sobrevirá a inundação, e lhes repartirá as dores do seu furor?... Serão como as palhas ao soprar do vento, e como a cinza espalhada pelo redemoinho... Um morre robusto e são, rico e feliz... Outro, porém, morre em amargura de sua alma sem bens alguns... E todavia ambos dormem juntos no pó, e os bichos os cobrirão... Porque para o dia da perdição é reservado o mau, e será conduzido ao dia do furor... Elle será levado aos sepulchros, e estará vigilante no montão dos mortos... Doce foi elle ás areias do Cocyto, etc.* (1)»

(Continúa.)

D. FRANCISCO XAVIER GARCIA RODRIGO.

## Secção Scientifica

### As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1884

POR MONSENHOR RODRIGUES VIANNA

II

#### O Apostolado do Clero em face da—Civilização intellectual

(Continuado do n.º anterior)

Ah! diz-se que o Padre é um obscurantista, um inimigo implacavel das luzes. Mas percorram-se todos os paizes do mundo, e apontem-se-me quaes são os que ainda jazem nas trevas da barbarie.—Precisamente aquelles que o Padre não regou ainda com os suores do

seu improbo ministerio, ou com o sangue do seu heroico martyrio. Apontem-se-me quaes são as nações, que ou retrocedem ou estacam immoveis na marcha ascensional do progresso.—Precisamente aquellas, em que a voz do Padre ou deixou de ser ouvida, ou, se o é, já não tem auctoridade nem prestigio.

Ah! dizem que o Padre é um obscurantista, um inimigo implacavel das luzes. Mas abra-se a historia, que é superior ao homem, e responda-se-me em face d'ella: quem senão o Padre conservou acceso o facho da sciencia no meio da espantosa noite da irrupção dos barbaros, e creou essa maravilha da Europa culta e civilisada, e lhe injectou nas veias essa seiva opulenta e evolutiva, com que mais tarde vigorosa e levantada, como um gigante, descobria novos mundos, tocando com uma das mãos no oriente e com a outra no occidente, e com que ainda hoje trasmona a cada vez mais altos e deslumbrantes progressos?

Ah! dizem que o Padre é um obscurantista, um inimigo implacavel das luzes. Mas o que ninguem me pôde contestar, é que foram sempre aureos seculos os seculos, em que mais accentuada e desassombradamente predominou a sua influencia benefica.

Oh, sem duvida! aureos seculos aquelles, em que um Padre, um humilde religioso, S. Thomaz d'Aquino, subindo á linha divisoria que separa a sciencia da fé, descobria n'esta linha, até então inacessivel aos grandes talentos, mais um laço de harmonia entre aquellas duas irmãs, geradas do mesmo seio de Deus! Aureos seculos aquelles, em que um outro Padre, e tambem humilde religioso, Roger Bacon, patenteava novos horisontes, desconhecidos ás investigações experimentaes, e, mais tarde, ainda um outro Padre, Copernico, fixava os sabios sobre o verdadeiro systema do mundo planetario! E, para resumir, aureos seculos aquelles, em que um Pontifice da Igreja, o magnifico Leão X, abria ás sciencias uma nova era fastosa, e ás artes os ceus esplendidos da renascença, e em volta d'elle florescia os sabios mais abalisados, e Miguel Angelo arrancava do seio do marmore, pasmado, as suas estatuas portentosas, e Rafael exhibia da sua palheta inspirada as suas virgens inimitaveis, cheias de graça e doçura, repassadas da quasi infinita magestade e sublimidade da Mãe de Deus! Aureos seculos aquelles!...

E hoje o Padre será, como pretendem inculcal-o, uma entidade anachronica, cuja influencia civilisadora já não tem valor algum no meio do avançado progredir do seculo actual? Creio que não.

E' verdade que temos caminhado mui-

(1) Cicero, *Tusc.*, 70.

(2) *De leg.*, lib. x.

(3) *Job.*, cap. xi, v. 12.

(1) *Job.*, cap. xxi.

to, senhores. Pelas admiraveis descobertas scientificas que o locupletam, e que lhe formam como que um immenso orbe de luz, o nosso seculo tem logrado apoderar-se do mundo, d'um modo que outrora nem sequer se imaginava, e que hoje é um facto corrente.

Que nos resta ainda a explorar? A astronomia levantou o vôo para os astros, e sujeitou ao calculo o maquinismo da abobada celeste. A geologia desceu ás profundezas da terra, e devassou os segredos da sua constituição e formação. A phisica investigou os deradeiros elementos da natureza, para sondar a essencia do mundo dos corpos. A chimica restabeleceu, com o acerto e a firmeza dos mathematicos, os elementos de cuja união ou segregação depende a existencia ou o aniquilamento d'elles. A physiologia patenteou o processo das funções do organismo, e demonstrou a lei da continuidade dos seus typos fundamentais. A sciencia das linguas e da historia indagou sobre uma inscriçãoinintelligivel, ou sobre um pedaço de granito, onde as letras se acham apañadas, como é que um mundo passado existiu, fazendo-o surgir, como por encanto, aos olhos do presente. E temos perfurado as montanhas, e rompido os isthmos; temos approximado as distancias, e dado á palavra a quasi infinita velocidade do pensamento; temos reproduzido o crepusculo da alvorada, e suprimido, pela luz electrica, as trevas da noite; temos... temos caminhado muito, não ha duvida; mas não basta caminhar, é necessario caminhar bem; e, para caminhar bem, é necessario direcção certa no roteiro.

Lembrae-vos do que eu vos dizia, exordiar esta humilde conferencia, que semilhanças, em suas evoluções, são precisam de leme e de bussola. Lembrae-vos que o leme e a bussola da grande nau social são a religião e o clero a doutrinar os povos n'aquelles dous conhecimentos fundamentaes e directivos de toda a actividade civilisadora—o conhecimento de Deus e do homem. Lembrae-vos da licção severa mas eloquente, que do fundo dos seus jazigos nos estão dando a formosa Grecia e a activa Roma. Lembrae-vos que foi a treva da consciencia de Deus e do homem quem as abysmou na sua ruina monumental, depois de mil annos de existencia, e sem embargo dos seus cidadãos serem, pelo menos, tão esclarecidos e civilisados como nós mesmos. Lembrae-vos... Onde está Deus, e onde está o homem no seculo actual? Deus em baixo, e o homem em cima! Oh civilisação!... Passeava um dia um vulto elevado e sereno nas praias á beira mar. Declinava a tarde, e o sol estava prestes a esconder-se nas doiradas orlas do occidente. Esse vulto era o maior genio que a Igreja conta em seus annaes, e que ainda agora espanta as mais alevantadas intelligencias, era o ha pouco citado S. Agostinho. Elle contemplava absorto e meditativo aquella immensidão tumultuosa do oceano, em toda a sua magestade soleinne; e as ondas, que se erguiam empolladas e rolando... rolando..., viam estalar espumantes contra os rochedos. O' mar, ó natureza! exclama de subito esse grande homem, serás tu o meu Deus? poderás acaso dar-me a paz, por que a minha alma suspira? Luminoso pensamento!

Ahi tendes admiravelmente figurada a religião dominante da nossa epocha. E' a religião da natureza, o materialismo positivista, que nos inculcam engrinaldado de flôres, e ataviado com as lantejoulas d'uma sciencia ostentosa e vã; tantas obras scientificas e litterarias que ali vogam, e que se traduz, bem desnudadamente, na vida pratica da quasi totalidade da geração contemporanea. Lançae os olhos por todo esse vastissimo campo, onde se exerce o labor humesilhantes á nau singrando os mares; mano, e vereis que, de facto, todos os esforços do homem, todas as suas aspirações, todas as suas energias visam, todas as suas energias visam, nau social são a religião e o clero a quasi exclusivamente, a senhorear a madoutrinarem os povos n'aquelles dous teria, a possuir a materia, a realisar no mundo todo um paraizo de gosos da materia.

oiro; o templo é o mercado, onde tudo se vende a essa divindade de terra de melhor côr, tudo sem exceptuar a propria consciencia; e o culto? O culto é o prazer. Oh civilisação!...

Mas, entretanto que o sublime filho de Monica meditava profundamente no alcance da sua primeira interrogação, escondeu-se o sol, e milhares de estrellas luzentes scintillam em firmamento claro. Agostinho levanta os olhos para essa innumeravel serie de brilhantes, e exclama: E vós, ó astros, sereis o meu Deus? poderéis acaso dar-me a paz, porque a minha alma suspira? Luminoso pensamento!

Eis-ahi a religião da esthetica, o culto do bello na poesia e nas artes, a divinisação da fórma, nova theoria seductora, que hoje se propala, e que dia a dia vae ganhando não poucos espiritos escolhidos, maiormente entre a mocidade ardente e apaixonada. Os seculos passam (dizem na escandescencia da sua phantasia os adeptos d'esta nova excentricidade religiosa) os seculos passam, o tempo vóa rapidamente, os degraus da idade sobem e descem. Só a mudança é duradoura—que contrasenso! Só a morte é estavel—que absurdo! Cada pancada do coração nos abre uma ferida, e toda a nossa vida seria uma eterna effusão de sangue, se não fôra o bello, a arte, a poesia—que dislate! Oh civilisação!...

Mas o genio de Agostinho não para ainda, eleva-se mais altaneiro do que as aguias, penetra na região dos espiritos, que assistem ao throno do Eterno, e exclama: E vós, maravilhosos espiritos, que formaes o magestoso cortejo do Rei immortal da gloria, sereis vós o meu Deus? poderéis acaso dar-me a paz, porque a minha alma suspira?

Luminoso pensamento! Eis ahi o culto das intelligencias, a apothese do genio, a divinisação do homem, que o nosso seculo, retrogradando quasi dous mil annos, foi desentranhar das gelidas cinzas do paganismo. Oh civilisação!...

(Continúa).

Secção Historica

Taboa Chronologica de todos os Bispos, Arcebispos e Bispos Titulares Coadjutores da antiga e muito illustre Igreja de Braga desde a sua fundação até ao presente (1884) (1)

§ I — BISPOS

Numero d'orden	Nomes dos Bispos	Annos que governaram	Pontífices reuantes	Monarchas reuantes
1	S. Pedro (I) de Rates, Martyr .....	37 (?)— 44	S. Pedro, Apostolo.	Imperadores Romanos—Caligula e Claudio.

(1) Para a formação d'esta Taboa servimo-nos principalmente da Historia Ecclesiastica de D. Rodrigo da Cunha e da Serie

Numero d'ordem	Nomes dos Bispos	Annos que governaram	Pontífices Reinantes	Monarchas reinantes
2	S. Basilio .....	45-60	S. Pedro, Apostolo.	I. R.—Claudio Nero.
3	S. Ovidio .....	95-130 (?)	S. Clemente I, S. Anacleto, S. Evaristo, S. Alexandre I.	I. R.—Nerva, Trajano e Adriano.
4	S. Polycarpo .....	130-163 (?)	S. Sixto I, S. Telesphoro, S. Hygino, e S. Pio I.	I. R.—Adriano, Antonio Pio e Marco Aurelio.
5	S. Seremiano .....	165-196	Santo Aniceto, S. Sotero, Santo Eleutherio e S. Victor I.	I. R.—Marco Aurelio, Lucio Vero, Commodo e Pertinax.
6	S. Fabião .....	198-230	S. Victor I, S. Zeferino, S. Callisto I e S. Urbano I.	I. R.—Pertinax, Caracalla, Getta, Maorino, Heliogabulo e Alexandre Severo.
7	S. Felix .....	236-245	S. Ponciano I, Santo Anthero e S. Fabião.	I. R.—Gordianos I e II, Maximo e Balbino, Gordiano III e Philippe.
8	Grato .....	252-260	S. Cornelio, S. Lucio I, Santo Estevão I, S. Sixto II.	I. R.—Gallo, Velusiano, Emiliano e Valeriano.
9	S. Secundo ou Secundino .. M	260-265	S. Dionysio.	I. R.—Valeriano e Galliano.
10	Caledonio .....	265-268		I. R.—Galliano.
11	S. Narciso .....	269-277	S. Dionysio, S. Felix I e S. Eutyquiano.	I. R.—Aureliano e Tacito.
12	Paterno I .....	278-289	S. Eutyquiano e S. Calo.	I. R.—Probo, Caro, Carino, Numeriano e Diocleciano.
13	S. Salomão .....	290-299 (?)	S. Caio e S. Marcellino.	I. R.—Herculio e Constancio Chloro.
14	Sinagio, ou Sinagrio .....	300-312 (?)	S. Marcellino, S. Marcello I e S. Eusebio.	I. R.—Constancio Chloro e Galero.
15	S. Leoncio .....	313-326	S. Melchiades e S. Silvestre I.	I. R.—Constantino.
16	S. Apollonio .....	326-331	S. Silvestre I.	"
17	Idacio I, ou Epitacio I .....	366 —	Liberio e S. Felix II.	"
18	Lampadio .....	380 —	S. Damaso I.	I. R.—Graciano.
19	S. Paterno II .....	392 (?)—407	Siricio, S. Anastacio I e S. Innocencio I.	Imperador do occidente—Honorio.
	<i>(Foi deposto logo no concilio de Toledo; succedeu-lhe S. Profuturo por morte do qual foi restituído em 400, e por sua morte succedeu-lhe Pancracio ou Pancraciano).</i>			
20	S. Profuturo I .....	392 (?)—395 (?)	S. Siricio.	"
21	Pancracio ou Pancraciano ..	410-412 (?)	S. Innocencio I.	Rei Suevo—Hermenerio ou Hermenerio.
22	Balconio .....	412-448 (?)	S. Innocencio I, S. Zosimo, S. Bonifacio I, S. Celestino I, S. Sixto III e S. Leão I—(Magno).	R. S.—Hermenerio e Rechila.
23	Valerio I .....	449-456 (?)	S. Leão I—(Magno).	R. S.—Reciario ou Reciero.
24	Idacio II .....	456-494 (?)	S. Leão I—(Magno), S. Hilario, S. Simplicio, S. Felix III e S. Gelaasio I.	R. S.—Franto e Frumario.
25	S. Castino .....	494-524 (?)	S. Gelaasio I, S. Anastacio II, S. Symmaco, S. Hormisdas e S. João I.	R. S.—Theodulo.
26	Valerio II .....	524 (?)—525	S. João I.	R. S.—Incerto.
27	Profuturo II .....	525 —	S. João I.	"
28	S. Ausberto ou Autherto ..	525-531	S. João I, S. Felix IV e S. Bonifacio II.	"
29	Juliano I .....	534 (?)—538 (?)	João II, S. Agapito I e S. Silverio.	R. S.—Feramundo.
	<i>(Passou para a Sé de Toledo em 537 e morreu em 538).</i>			
30	Eleutherio .....	538 (?)—550	Vigilio.	"
31	Lucrecio .....	560-569	João III.	R. S.—Theodomiro.
32	S. Martinho (I) de Dume ..	570-583	João III, Bento I e Pelagio II.	R. S.—Ariamiro.
33	S. Benigno .....	588 —	Pelagio II.	Reis Godos—Leovigildo e Flavio Recaredo I.

*Chronologica dos Prelados conhecidos da Igreja de Braga.* Não é nem pôde ser perfeita por falta de monumentos; a historia dos Prelados até S. Paterno II 392 (?) 407, incluindo o proprio S. Pedro de Rates, é assás duvidosa; a existencia de S. Profuturo I e S. Benigno e a verdadeira ordem de successão de todos os Prelados são pontos que até hoje não foram ainda resolvidos satisfatoriamente, nem o serão, segundo cremos. Afirmam alguns que até ao presente tem havido na igreja de Braga 120 Prelados; mas na sala de S. Geraldo, vulgo dos Arcebispos, que existe no Paço Archiepiscopal de Braga, ha uma galeria, onde se encontram 122 retratos de todos os Prelados.—Estão a mais D. Sancho I e D. Gualterio, dos quaes faz menção D. Rodrigo da Cunha na sua Historia. No manuscrito intitulado *Synodo diocesano que se celebrou no anno de 1713, presidindo a elle o Ill.º e R.º Dom Rodrigo de Moura Telles, Arcebispo e Senhor de Braga, Primas das Hespanhas*, que tivemos occasião de ver no Archivo da Mitra Archiepiscopal diz-se, que depois da celebração do synodo tiveram logar diversas conferencias na dicta sala, e n'ella existiam 111 retratos dos Prelados, incluindo o então existente que era D. Rodrigo de Moura Telles, o qual os mandara retocar. Conserva-se ainda esta galeria, respeitavel pela sua antiguidade que não será talvez inferior a 300 annos, e está augmentada com os 11 retratos dos Prelados que succederam a D. Rodrigo de Moura Telles. O penultimo o Ex.º e R.º Sr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa mandou novamente retocal-os, collocando-os em ordem inversa á que estavam. A Taboa contem algumas datas diversas das que se encontram nos quadros.

Lisboa—agosto de 1884.

(Continua.)

## Secção Critica

### Os nihilistas portuguezes

#### VI

**D**ISSERAM os jornaes nihilistas que a canhoneira tinha um nome sympathico aos homens livres, porque Ave é o nome d'um adoravel livro de Michelet!... Estes senhores são assim: não adoram a Deus, mas adoram os livros de Michelet!... Tambem os seus antepassados da revolução franceza aboliram o culto de Deus e dos Sanctos, fizeram das casas do Senhor casas de abominação, e adoraram uma *cidadã*!...

Aquelle nome, pelo motivo que allegam, será sympathico aos revolucionarios, nihilistas e socialistas: aos homens verdadeiramente christãos, é-o por outro motivo.

Foi essa a primeira palavra, que o mensageiro celeste dirigio á humilde Virgem de Nazareth, quando veio annunciar a redempção do genero humano.

Essa palavra diz-nos que a humanidade, cahida na maior infelicidade e degradação, hia a fim surgir do abatimento; as cadeas que algemavam os homens, hiam quebrar-se diante da egualdade e fraternidade christã, que Jesus vinha prégar ao mundo!... Os homens, vis escravos—uns das suas paixões ignobeis, outros de seus senhores—ouviram então essa palavra de redempção, que abalou o imperio romano e desfez as trevas do paganismo, para onde os nihilistas e revolucionarios de hoje em dia querem fazer retrogradar a sociedade!... Sim: para os homens libertados por Jesus Christo, que intendem a liberdade como ella é, e não como a querem os revolucionarios, isto é, desenfreada licença: para esses a palavra Ave é um nome sympathico, que lhes recorda a aurora da redempção do genero humano, o apparecimento dessa luz divina, que illumina todo o homem, e diante da qual os revolucionarios, impios e nihilistas fecham os olhos, por que lh'os cega o seu brilho, e tractam de extingui-la, para mais facilmente conseguirem espalhar suas ideas subversivas de toda a ordem, e de toda a auctoridade legitima!...

#### VII

Não deixam passar occasião alguma os jornaes revolucionarios, de lisongear os operarios, empunhando o incensario, e manejando-lh'o com todo o cuidado aos narizes!...

Eu, se fosse dos incensados, dava cavaco com tantas atenções!... Aquillo leva agua no bico!...

Quando os vejo assim fazer tantos papés, tanta barretada, não posso deixar de bradar aos objectos de tantas zum-

baias: Cuidado que alguma vos querem pregar!... Os republicanos e nihilistas são os taes aduladores: suas atenções, cuidados, amores, meiguices são todas para os trabalhadores: os outros são pareas no seio da patria; são filhos bastardos, a quem a mãe commum não deve prestar atenções algumas!...

São elles, os operarios, os que *mais direito teem ds suas largas franquias livres*—como se os outros não fossem cidadãos do mesmo paiz!..

São *mal considerados nos seus direitos*—como se a lei os não protegesse como aos mais cidadãos!..

São *mal comprehendidos na sua missão*—como se ao operario digno não prestem todos as atenções, de que elle é credor!...

Fallam-lhes constantemente em direitos; mas os deveres ficam no tinteiro, porque isso não convem!..

Sabeis o mobil de tantas atenções, honrados artistas? Eu vol-o digo. Esses senhores, que hoje vos trazem nas palminhas, são uma sucia de ambiciosos, que querem especular com a vossa credulidade. Podem elles occupar todos os logares do nosso complicado mecanismo politico; mas isso não é bastante para suas aspirações. Ha um logar, a que elles não podem chegar: é o do Rei.

Que fazer pois? Proclamam-se republicanos, a ver se podem chegar a presidentes de republica.

O throno é vitalicio e hereditario; n'este systema está o paiz a salvo de grandes abalos sociaes, evitam-se calamitosas revoluções, os negocios publicos correm regularmente, as industrias não soffrem prejuizo, o commercio segue regularmente seu curso: podem finalmente todas as classes da sociedade entregar-se socegradamente ás suas occupações.

Mas este socego não agrada aos encantados transtornadores de toda a ordem; querem pescar nas aguas turvas, subir aos mais altos postos, e, como de presidente de republica se muda de annos a annos, podem os coripheus do republicanismo nutrir uma esperançinha de lhes chegar a sua vez de figurar!...

Para conseguirem seus fins, fundam jornaes, fazem conferencias e discursos nas praças e theatros; organisam procissões civicas, para se mostrarem e fazerem conhecidos; pregam a desordem, fomentam o desprezo da religião, tractam de desviar o artista do cumprimento dos seus deveres religiosos, e exaltam seus direitos até os cornos da lua!...

E quando lhes tiverem bem corrompido o coração; quando n'elles não houver nem sombra de amor de Deus; quando conseguirem que elles abandonem o lar domestico, para irem ás cafuas revolucionarias ouvir discursos furiosos; quando estiverem seguros de os moverem como bonecos de tenda—então poem

a procissão na rua, proclamam a queda da monarchia, e eil-os com a faca e o queijo na mão, partindo á vontade, e dispondo a seu capricho dos destinos da patria!...

Mas a coisa não fica por aqui.

Vós, artistas e operarios, diante de quem elles tiveram sempre as bochechas enfundadas com as liberdades dos operarios, os direitos dos operarios, as franquias livres dos operarios: vós quereis tambem dar as vossas leis, mas então vereis o bom e o bonito!...

Esses senhores, que hoje estam sempre diante de vós com o dorso em linha curva, assumirão uma severidade de Cações de meia tigela, e de rosto carregado, tezos como estatuas, dir-vos-hão muito formalizados com gesto iracundo:

«Cidadãos, é preciso haver quem nos governe. Os reis foram-se, mas ficaram os roques, que somos nós. Ide trabalhar, que para isso é que sois trabalhadores, e nada de fazer finos.

Chegou o tempo da liberdade, egualdade, fraternidade e justiça, que exige que vocemecês obedecam aos poderes constituídos, e cada um tracte de arranjar a sua vida, do melhor modo que poder: foi isso o que nós fizemos!... Nos tempos ominosos da realeza, tinham as arruaças razão de ser: hoje não, que tudo entrou nos eixos, porque nós cá estamos no poleiro! Que mais querem vós? Caluda pois, e viva a liberdade, egualdade e fraternidade!... Adeus, meus amigos. Cada moucho a seu souto, e acabou-se.»

E depois? E' soffrer mui caladinhos. Não haverá outro remedio, já que assim o quisestes. Concorrestes para a exaltação desses ambiciosos, conhecereis agora a verdade do rifão dos nossos antigos: Quem quizer conhecer o villão, meta-lhe o governo na mão.

*Um amante da religião, da patria e do throno.*

(Continua)

## ESTATISTICA

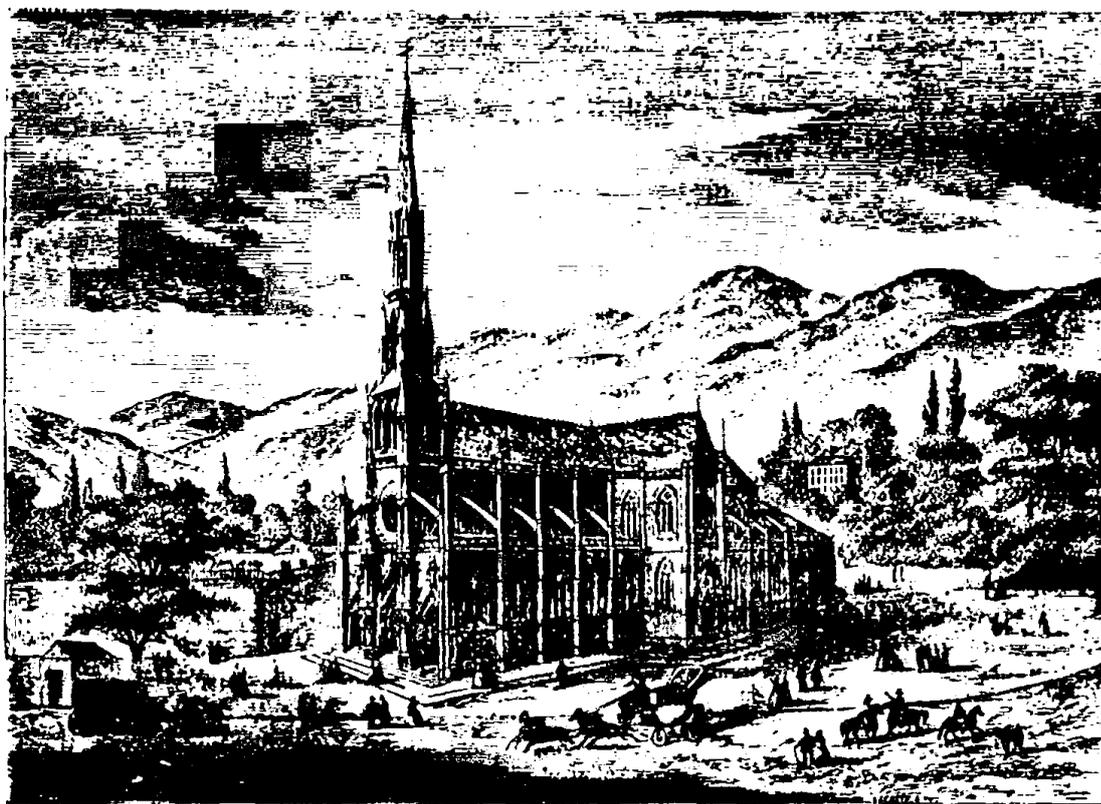
**N**o verão de 1860 estava eu em Londres; n'esta cidade tive noticia que estava em acção um *Congresso Estatístico*, n'uma sala em edificio do Estado aonde me dirigi; chegado, que fui, perguntei pelo Secretario do mesmo *Congresso*, o qual me recebeu mui amavelmente, sem intervenção de terceiro, e logo me deu o Diploma de membro activo do referido *Congresso*, cujos trabalhos foram impressos n'un grosso volume in oct. e lá se encontra a minha parte tomada n'aquella *Assemblea* sem que Portugal ficasse desconsiderado «graças a Deus!» sendo eu o unico Portuguez ali

presente. O *fac-totum* do Congresso era o Medico Doutor Fare, que estava á testa dos *trabalhos estatísticos officiaes britannicos* por nomeação do Governo inglez; travei com o Doutor Fare relações que foram seguidas, embora se passasse algum tempo, depois do Congresso, sem que nos vissemos. Mais tarde, estando eu em Roma ahi por 1864, constou-me que tinha chegado á capital do Catholicismo o Doutor Fare, e que se tinha hospedado no *Hotel d'Angleterre*; n'este o procurei, e sendo entrado na sala commum dei com o Doutor Fare e mais dous Inglezes assentados em volta d'uma me-

bom, e quanto possivel em dia, que se dava nos Estados-Pontificios sobre a materia de que estavam fallando, e cuja Repartição Central era em Roma como facilmente se julgaria. Os tres Inglezes ficaram apanhados sem violencia; deixados que foram, comecei a procurar tudo com que lhes podesse provar até á saciedade e com documentos a exactidão que lhes tinha allirmado; e factó foi, que o Doutor Fare e seus dous companheiros, estes tres *Estatistas*, foram de Roma com um bom peso de trabalhos impressos de aquella *Repartição Pontificia*, com o conhecimento do quanto es-

gras, depois de termos ha pouco lido alguma cousa, que nos suscitou as reminiscencias lançadas e com ellas uma nova homenagem á proficiencia sempre provada do Governo dos Papas! Tal Governo foi sempre justo e paternal, sábio e sollicito, e não é menos prova de estes attributos o não ter havido *Governo algum outro* contra o qual a *mentira* tivesse mais, nem tanto, *trabalhado contra*. O Governo Pontificio punha acima de tudo a moralisação dos governados; a estes facilitava o ensino como não era mais facilitado em Paiz algum outro; pe-

dia aos povos apenas os indispensaveis



GENEVA—EGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

sa, e sobre esta tres garrafas grandes, cheias de agua; aquelles tres Inglezes estavam entusiasmados *com a agua de Roma*, a cidade da Europa de mais e melhor agua; sustentavam ao mesmo tempo, e adduziam argumentos para provar a primeira importancia da agua na hygiene e alimentação. Passou-se de isto a outras cousas, e entrámos a fallar de *Estatística*; perguntei-lhes, se conheciam os *trabalhos estatísticos* feitos, e sempre continuados, pela *Repartição Pontificia de Estatística*, qual auxiliar da boa administração publica governativa; eram-lhes desconhecidos! Interroguei-os sobre o dia da partida, e disse-lhes que m'opporia quanto possivel á sahida em quanto não ficassem conhecedores do muito e

ta estava bem montada, e até com uma nitidez e elegancia *d'ubi* bem correspondente, em sua proporção, á laboriosidade, exactidão, belleza e cura, com que os trabalhos ali eram feitos. Coube-me a honra de levar as cousas de modo, que se seguiu o estabelecimento de *relações officiaes* entre a *Repartição Pontificia de Estatística* em Roma com a *Repartição official* da mesma natureza em Londres, sendo então como o *Perfeito*, de aquelle ramo de importantissimo serviço publico, Sua Eminencia o Senhor Cardeal *Di Pietro*. O conhecimento, «de que Deos nos tem feito *mercê!*» a respeito das cousas Pontificias e do Governo Temporal dos Papas, nos habilitou a conhecer o que dizemos; e nos levou a lançar estas re-

lacionamentos para uma administração publica e mais regrada e economica, sem deixar de attender todas as justas exigencias nacionaes; nunca exigiu o *tributo de sangue* ou recrutamento militar, e nem por isto deixou de ter sempre a indispensavel milicia; protegeu em todos os tempos do modo mais decidido as Sciencias e as Artes, os scientificos e os artistas; acolheu em todas as horas os perseguidos, e fazendo a estes ou impondo-lhes uma só condição—a de se portarem devidamente depois de acolhidos; enriqueceu e embellezou as cidades, mas não á custa de empréstimos ruinosos para a Administração e administrados; cuidou dos *Pobres* até dando-lhes Advogado *gratis* para quando tivessem *causa* com jus-

tiça, mas faltando-lhes os meios para a sustentar nunca teve *Divida Publica*, e só a creou quando a Revolução em seus começos lhe fez escacear os recursos, sendo sempre sua *Divida*, a mais *acreditada*; em sua grandesa foi até pagar a divida feita pela *Republica* dita *Romana*, mas que o era do triste *Triumvirato* com seu *general Garibaldi*, e obrou de aquelle modo para que não llcasse arruinado o povo que tinha sido objecto das exigencias revolucionarias; proporcionava os honestos regrados folguedos e dentro de estes limites sancionava a recreação; não media, nem pensava na força bruta dos outros *Governos*, para fallar a estes sempre como o *mais forte porque forte na Verdade!* Emfim diremos tudo, resumindo, como vamos resumir: *O Governo Pontificio serd sempre o Governo Modélo!*

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

### COISAS! COISAS!

**O** *Primeiro de Janeiro*, jornal de dez réis, que dá *gaudio* ao garotismo das ruas, em um artigo chamado *Boletim politico*, no n.º de 22 d'agosto, ridicularisa alguns sermões prégados em Madrid, nos quaes os oradores, lastimando os estragos que o cholera fazia em algumas terras de França e Italia, attribuiam taes desgraças a Deus, pelos crimes que a França e a Italia tem perpetrado contra Deus e a Igreja.

Como estes tartufos, estes truões das praças fallam das cousas sagradas, e como teem a desfaçatez de insultar os ministros do Senhor, insultando ao mesmo tempo um povo, que se preza de catholico!

Julgam estes criticos de agua morna, estes gaiteiros da impiedade, que, pelo facto de Portugal não experimentar ainda o castigo merecido, pelos roubos feitos aos frades, ás freiras, aos cabidos, ás parochias, etc., etc., que Deus Nosso Senhor não pôde desembainhar a espada de sua justiça contra qualquer outra nação, que tenha iguaes e peiores crimes? Sempre são *bem janeiros* estes *janeiros!*

Mas, já que taes truanissimos jornalistas não creem nos castigos do céu, sempre lhe vamos dar a seguinte noticia, que assás prova a sua cracissima ignorancia, e o bem que andam ao puxar a corda da geringonzeira.

Leiam todos os *Janeiros*, e os que *Janeiros* não são, retirem os dez réis diarios com que costumam subsidiar o orgão anti-catholico, que vae n'isso uma obra de caridade, a satisfação de um preceito do Santissimo Padre Leão XIII.

Leiam:

Em mil setecentos e vinte Marselha era infestada pela peste, e tão espantosos se tornaram seus estragos, que che-

gavam a cabir pessoas mortas nas ruas fulminadas pelo terrivel flagello, ficando os cadaveres insepultos. As auctoridades civis haviam fugido aterradas diante do aspecto que a cidade apresentava, e para que não sabiam achar remedio.

Em meio d'aquelle quadro de horrores, ergue-se uma grande figura, a do Bispo Mons. Henrique Belzunce, e eil-o percorrendo as ruas administrando os sacramentos, confortando os moribundos, e recommendando a todos a caridade. Duzentos e cincoenta sacerdotes cahiram ao lado do caritativo Prelado, victimas da peste, e foi então que o terror, o medo tomou proporções assustadoras, terríveis. No dia 4 de novembro o fervoroso Bispo sae para a rua descalço, com uma corda ao pescoço em signal de penitencia, e depois de celebrar o santo sacrificio da missa em um altar ao ar livre, consagrou solemnemente a cidade ao Sagrado Coração de Jesus.

Desde logo a peste principiou a desaparecer, foram diminuindo seus estragos, e passado uma semana, Marselha estava livre do terrivel inimigo.

O povo, grato ao seu bispo, levantou-lhe logo uma estatua, e a festa de 4 de novembro foi conservada como viva recordação da misericordia divina.

O anno passado a camara municipal de Marselha, composta de radicaes e mações, julgando indigno d'estes tempos de *progresso* a recordação de uma festa toda catholica, prohibiu que ella se fizesse, e não contente com isto, levou o odio satânico que a domina, até á pessoa do grande apostolo da caridade, que em 1720 fizera sustar a cólera de Deus, e mandou derrocar a estatua que seculo e meio havia venerado. Assim ficou salisfeita a vingança da republica, cuja tyrannia não tem exemplo na historia dos governos mais despotas do mundo.

Estava, portanto, a peste vingada, e por isso, e como agradecida ao municipio apresentou-se antes de um anno visitando Marselha, deixando-lhe apens o seu cartão de visita.

E a camara municipal de Marselha, inimiga de Deus e da Igreja, que derrocara a estatua do bispo, que prohibira a festa de 4 de novembro em honra do Santissimo Coração de Jesus, e que expulsara as Irmãs da Caridade, as Ordens religiosas; ao chegar-lhe a terrivel visita, tremeu, e, para a receber, chamou de novo os religiosos e as Irmãs da Caridade.

Que nos diz a isto o sabio *Janeirinho*? Seria um castigo ou não?

Avaliemos ainda o *Primeiro de Janeiro*, pela seguinte noticia:

«Um tendeiro ambulante de 18 annos de idade apresentou-se ante-hontem na 4.ª esquadra de policia, queixando-se de

que um seu collega lhe havia furtado uma bolsa com a quantia de 15\$000 réis, evadindo-se em seguida para a Povoia de Varzim.

Procedidas as respectivas indagações, reconheceu-se ser falsa a accusação, o que, de resto, o queixoso veio depois confirmar, allegando que se dirigira á policia com o unico intuito de se vingar do seu collega.

O pobre rapaz foi preso e enviado ao 2.º districto criminal.

Como se vê, a vingança não foi das mais barbaras; resente-se mesmo d'uma ingenuidade que não deixa de ser simpatica.»

Ora uma vingança já é um crime aos olhos dos catholicos, mas é maior o crime quando essa vingança junta a infamia de roubar o credito, a honra a uma pessoa qualquer; para o *Primeiro de Janeiro*, porem, não passa de uma brincadeira innocente, praticada por um *pobre rapaz!* O que para nós os catholicos é um crime, que as leis da Igreja e até as leis civis condemnam, para o *Primeiro de Janeiro*, que de certo não é catholico, não passa d'uma *ingenuidade*, que até não *deixa de ser sympathica!*

Que apostolos da civilisação! que luminares do progresso!

Fechae-lhe a porta, catholicos.

Lembrados devem estar nossos leitores do que disseramos ácerca do *Porto Liberal*, em o numero 19 d'esta Revista, a paginas 220. E lembrados devem estar de que terminavamos estranhando que o impio periodico fosse impresso na mesma typographia em que é impressa *A Voz do Christão*, dizendo:

«Desejavamos conhecer os redactores do liberal papel, mas não nos é dado uma tal honra; contentamo-nos em saber a officina onde é impresso, e essa mesma novidade damos aos nossos leitores. E' feito o *Porto Liberal* na *Typographia de Fraga Lamares*, 38—rua de S. Miguel—40, Porto.

Este Sr. Fraga Lamares é o mesmo a quem devem ser feitos todos os pedidos relativos ao periodico portuense *A Voz do Christão*, publicação que tem a redacção e administração na rua de S. Miguel n.º 38—Porto, na mesma casa onde se imprime o dito liberal pasquim.

Se este Sr. Lamares merece alguma censura pela impressão do *Porto Liberal*, essa censura deve *desapparecer* por que os mesmos typos fazem a *Voz do Christão*. Fica uma causa pela outra!»

Quer-nos parecer, e a todos os leitores o mesmo parecerá, que não havia n'estas linhas a mais pequena allusão aos redactores da *Voz do Christão*. O snr. director do mesmo periodico, porém, quiz entender que com a redacção se fallava, e fez o seguinte protesto:

«O director da «Voz do Christão» pro-

testa em seu e no nome dos seus distinctos e illustrados collaboradores contra as palavras insidiosamente calumniosas do «Progresso Catholico», n.º 19, pag. 220, que diz «que os typos que fazem a «Voz do Christão» são os mesmos que escrevem o «Porto Liberal».

Semilhante asserção é inteiramente falsa e attentatoria das crenças firmes e inabalaveis do director da «Voz do Christão» e dos seus conspicios collaboradores.

O director da «Voz do Christão» pede ao director do «Progresso Catholico» que tenha o maximo escrupulo em fazer publico asserções de tal natureza, porque, além de calumniosas, prejudicam a fé dos verdadeiramente crentes.

Insinuações de tal ordem assemelham-se aquellas dos inimigos que atacam o clero, mentindo, calumniando, motejando e injuriando.»

Vê-se que o director da *Voz do Christão* não é dos mais atilados, ou então, a maneira brusca, sem delicadeza, falta de caridade evangelica, como investe contra nós, é arma com que julga armar ao effeito para conseguir fins que desconhecemos. Deve haver n'este protesto uma de duas cousas: Ou ignorancia, ou maldade. Os leitores julgarão. Nós, pela nossa parte, respondemos ao protesto, repetindo:

1.º A *Voz do Christão* é impressa na typographia de Fraga Lmares, estabelecida na rua de S. Miguel n.º 38 a 40, Porto, e na mesma casa e rua é a redacção e administração da mesma *Voz do Christão*, devendo toda a correspondencia ser dirigida a Fraga Lmares.

2.º O *Porto Liberal* diz no fim da ultima pagina:—PORTO—1884—TYPOGRAPHIA DE FRAGA LAMARES, 38—RUA DE S. MIGUEL, 40.

Sendo, como se vê, impressos ambos os periodicos na mesma typographia, com que direito vem o director da *Voz do Christão* dizer que o *Progresso Catholico* o calumnia, afirmando que a impressão do *Porto Liberal* é feita com os mesmos typos que fazem a *Voz do Christão*? Pois se os dois periodicos são impressos na mesma typographia, com que typos são feitos se não com os do snr. Fraga Lmares?

O snr. Fraga Lmares faz tambem um protesto, e chama aos nossos escriptos satanicos, estendendo-se em tres declarações, sem comtudo declarar o principal, com que ficava tudo arrumado. O que ao snr. Lmares esqueceu provar foi que o *Porto Liberal* não é impresso na mesma typographia da *Voz do Christão*; provado isto está livre do nosso reparo. Enquanto o não provar prevalece o que dissemos no n.º 19 e o que repetimos hoje.

UM LEITOR DE GAZETAS.

## Secção Illustrada

I

### Christovão Colombo

NASCEU em Genova o famoso descobridor de quem damos o retrato na primeira pagina. Deixou os estudos muito novo e não tardou que a sua coragem o tornasse notavel para as grandes empresas marítimas.

Lisboa era então o centro onde se reuniam todas as celebridades em sciencias; estava cheia de sabios, de missionarios, de artistas e commerciantes, que alli corriam de todos os pontos da Europa para tomar parte nas grandes empresas marítimas, nas descobertas de novos mundos, que os audazes navegadores realisavam, segundo os planos de D. João II. Christovão Colombo veio tambem a Lisboa, e como o seu sonho dourado era a descoberta da India, apresentou o seu plano ao rei de Portugal, que o teve por insensato, depois de escutados os homens do seu real conselho.

Cousa notavel. Quando Portugal se empregava nas conquistas da Africa, vinha um homem offerecer-lhe um novo mundo, e essa offerta era recusada!

Colombo estribado na auctoridade de muitos sabios antigos não desistia da sua idéa, e depois de offerecer os seus serviços a mais que uma nação foi a Hespanha. Era tal a sua miseria, que teve de bater à portaria do convento de Santa Maria da Arrabida, para lhe darem gasalhado e pão, para si e seu filho Diogo, que o acompanhava a pé, como elle. O Prior do convento commoveu-se do estado miseravel de Colombo, agradou-lhe o plano e recommendou-o ao confessor da rainha Izabel. Era, pois, no tempo de Izabel a Catholica, que o grande homem ia á Hespanha offerecer um mundo.

A Hespanha andava então atarefada com a conquista dos reinos mouriscos e deu pouca importancia aos planos de Colombo, sem comtudo o despedir.

Afinal pôde o plano do estrangeiro ser aceite pelo conselho real, e a rainha offereceu as suas joias para as despezas da jornada da India. Com tres navios e mui pouca gente lá foi o heroe em demanda do novo mundo, em busca da realisacção do seu sonho dourado. Os reis de Hespanha fizeram-lhe todas as concessões, davam-lhe o posto de Almirante, vice-rei das terras que descobrisse, e uma grande parte das riquezas adquiridas.

Colombo lá foi mar em fora, abrigou do a esperanza de que daria á Egreja um novo mundo, e que alcançaria riquezas com que um dia ir conquistar o sepulchro de Jesus Christo.

Depois de mil contrariedades, de sufocar, por vezes, as tripulações em revolta, chegou a 12 de outubro de 1492 a Cuba, onde deixou gente e voltou á Hespanha onde foi recebido pelos reis como um grande de Hespanha. Fez depois 2.ª e 3.ª viagem, cada vez descobrindo novas terras, e, ao voltar da ultima chegou á nação que lhe devia um mundo, carregado de cadeias,—vinha preso, porque se lhe imputavam crimes, que era incapaz de praticar, mas que os seus inimigos, invejosos dos seus triumphos fizeram vingar perante os poderes do Estado.

A Hespanha como sempre fazem as nações, foi ingrata, desfez todos os committidos que havia feito com o audaz descobridor, e Colombo morreu pobre, elle, que tinha descoberto um mundo, que enchera de ouro o reinado de Izabel a Catholica, e ainda depois de morto lhe quizeram tirar a gloria de ser elle o descobridor de terras que mais ninguém até então se lembrara descobrir.

São sempre mal recompensados os serviços feitos aos politicos, ou elles sem reis ou chefes de partidos. Os unicos serviços que verdadeira recompensa teem, são os prestados á Egreja, porque esses paga-os Deus, que não escuta os nossos inimigos, que sabe as nossas intenções.

E' por isso que nós trabalhamos unicamente pela Egreja, olhando com despreso para o circo onde se gladiam os politicos.

II

### Genebra—Egreja de Nossa Senhora da Conceição

Genebra é a capital da Suissa, cidade importante, com uma população de perto de 100:000 habitantes, sendo catholicos a maior parte. E' importante sobretudo pelas suas fabricas de relógios, chegando a exportar mais de 100 mil relógios de ouro, empregando n'esta industria mais de 7 mil operarios.

A sua magnifica cathedral foi convertida ao protestantismo, mas tem ainda a Egreja de *Nossa Senhora da Conceição*, entre outras, dedicada ao culto catholico. E' esta Egreja que a nossa gravura representa, e como se vê é de esbelta architectura no estylo gothico, rica em primorosos rendilhados. O Bispo de Lausanna, com residencia em Friburgo, é que tem jurisdicção sobre a Egreja catholica de Genebra, que abriga sob suas alobadas a sociedade mais selecta da cidade.

Genebra é um grande centro monetario, possuindo por isso varias casas bancarias, em relações commerciaes com os centros mais importantes do mundo. E' a cidade dividida pelo Rodano em tres partes, o que lhe dá um aspecto esplendido.

R.

## Secção Litteraria

## GRACIA

ou

## A CHRISTÃ DO JAPÃO

## CAPITULO VI

A mulher de Jecundono

(Continuado do n.º 15)

FILHA de um principe poderoso, que por certo foi o assassino do imperador Nobunanga, educou-se a princeza Gracia com mais esmerada educação do que a que costumam educar-se as mulheres japonezas. Já em creança deu indícios de amar o estudo, e entregou-se com tanto interesse à leitura, que os melhores presentes que podiam fazer-lhe era dar-lhe livros. Todos os que lhe offereciam lia-os com solicitude, decorava-os com pasmosa exactidão e explicava-os com admiravel lucidez de espirito. E assim em breve os sabios se assombraram de seus conhecimentos, os velhos de sua discrição, os jovens do fogo de sua alma, com o qual, n'um povo tão dado à litteratura como o japonês, não tardou em se tornar a princeza o objecto e o alvo de universaes e bem merecidos elogios. Longe, porém, de vangloriar-se ou ensoberbecer-se com elles, Gracia evitava-os, e para evital-os procurava a solidão e o silencio. Um dia, porém, apezar de tudo, chegaram aos ouvidos de Jecundono, e movido tanto por elles, como pela importante posição do pae de Gracia, pediu-a em casamento seis annos antes do que em que começa esta historia, e quando a princeza só contava desoito primaveras. Ignorava Jecundono o valor do thesouro que possuia, mas não tardou em avalial-o, e assombrado de ter por companheira mulher que tanto valia, concebeu por ella exagerada paixão. Tornou-se em demasia zeloso, e temendo que tramassem roubar-lhe aquella perola tão estimavel, resolveu guardal-a como guarda o avaro seu thesouro. Tirou a sua mulher a escassa liberdade, que os japonezes permitem às suas, fêl-a sua prisioneira e encerrou-a com quantas precauções pôde inventar sua imaginação; em compensação, porém, para que não sentisse suas prisões, dourou-lh'as com tudo o que o luxo oriental e o capricho de uma mulher podem sonhar. Duas casas, ou antes, dous palacios tinha Jecundono, um em Tango, capital de seu principado, outro em Osaka, onde passava algumas temporadas, ora quando ali residia a Côte, ora quando queria descansar dos seus trabalhos. Em ambos tinha preciosas habitações para sua mulher, a qual não viajava de uma povoação para outra senão em companhia de seu marido.

Conduziam-na então seus escravos em uma liteira de pau admiravelmente pintada, coberta por um riquissimo docél de seda branca e uma especie de cortina, que a impedia de ser vista, porque Jecundono receiava, que quantos chegassem a vê-la, ficassem tão captivados da sua formosura, como elle o estava.

Quando os caminhos o permittiam, levavam-na então em uma sége, tirada por touros pretos, segundo o estylo do paiz, mas tão coberta e tão escondida como na liteira. Ao chegar ao palacio para onde ia morar, uma cohorte de parentes, creadas e escravos formavam ao derredor de Gracia como uma densa nuvem, que impedia de chegar até ella directamente nada do exterior; mas como se isto fosse ainda pouco para garantir a segurança de sua esposa, tinha Jecundono quasi um exercito de mordomos, escravos e soldados, que custodiavam exteriormente as habitações da princeza e a isolavam completamente do mundo.

Nem este isolamento, nem estas precauções, nem os infundados zelos de seu marido, causavam à princeza a menor impressão, antes pelo contrario, achava-se muito satisfeita, talvez até não tanto por o que provavam o amor, que este lhe tinha, quanto por o que lhe favoreciam sua antiga afeição à solidão e sua paixão por a leitura, paixão que desde que se casou, chegou a converter-se em verdadeiro estudo, porque Jecundono gostava summamente de ouvir-a discorrer e fomentava sua afeição e dedicação aos livros, levando-lhe e offerecendo-lhe os mais raros que encontrava, e pedindo-lhe que lh'os explicasse e commentasse.

Além pois de sabia e litterata era Gracia boa esposa e boa mãe; dedicava a seu marido sincero carinho, amava as quatro filhas, que em seus seis annos de casada havia tido, e só dedicava aos livros o tempo, que o cuidado d'estas lhe deixava livre.

Chegou, todavia, a conhecer a litteratura japoneza e chineza melhor, que muitos sabios d'ambos os paizes, e sobretudo estudou com afincos a philosophia e as religiões dos dous povos, porque sua nobre e grande alma e seu engenho penetrante, em vez de procurar passatempos na leitura, buscava o grande e o nobre, e se interessava sómente pelas altas e profundas questões concernentes à origem do mundo e destino do homem.

Tal era a mulher de Jecundono aos vinte e quatro annos. Mirka, que a abraçava com tanto carinho, amava-a com um amor immenso, porque a princeza lhe servia de mãe, de irmã e de amiga. Jecundono amava-a também até ao delirio; suas filhas idolatravam-na e os mesmos creados a veneravam, pois mais que por sua intelligencia, tornava-se es-

timavel pela bondade e ternura de seu coração.

Assim, depois de beijar a Mirka, com a mesma doçura com que a havia appellidado de hypocrita, lhe disse:

—Quero que me acompanhes, porque desejo fallar a serio contigo, e não para castigar-te por tuas travessuras, ainda que já é tempo de começares a ter juizo. E as duas, de braço dado, dirigiram-se para o gabinete ou quarto de estudo da princeza.

(Continua.)

VERSÃO DO P.º LIMA.

## Secção Bibliographica

**O Episcopado e o governo portuguez.** — *Considerações acerca da nova circumscripção diocesana e do suppressão do bispado d'Aveiro e dos outros bispados, supprimidos em 1882* — por Rangel de Quadros. — Em um volume de perto de 200 paginas mostra o auctor a sua justa indignação contra a suppressão da diocese de Aveiro, e cremos que todos os diocesanos das que foram supprimidas lastimarão, como o snr. Rangel de Quadros, uma tal lembrança dos nossos governos. São fructos do progresso sem Deus, e por tanto o remedio é resignar.

Agradecemos a offerta.

**Recordações e impressões de viagem.** — Eis-nos na posse de mais um volume d'esta interessantissima publicação, com que o Ex.º Sr. Dr. João Baptista de Freitas Leal, do Punchal, enriqueceu as patrias lettras. Este volume, de mais de 300 paginas, é quasi todo occupado com a descripção de Roma, e não concluiu ainda. Vê-se que é trabalho de grande folego, e que os amadores de descripções de viagens devem apreciar, assim como nós, mórmente sabendo-se que o auctor é um catholico fervoroso, e que por isso nos mostra Roma à luz da fé.

Este volume custa 300 réis.

Mil agradecimentos ao illustrado auctor, e que Deus recompense, como merece, o seu trabalho.

**Diccionario de Geographia de Portugal.** — Publicou a casa Clavel & C.ª do Porto este diccionario, que contém: a indicação de todas as cidades, villas e freguezias, com a respectiva divisão administrativa, judicial e ecclesiastica, da parte continental e insular do reino; dos rios e montes principaes do continente; das distancias de quasi todas as freguezias às villas capitaes de concelho, etc.; da população de cada freguezia, segundo o ultimo recenseamento; dos oragos das parochias; das estações telegraphicas e de caminho de ferro; das direcções e delegações postaes, etc. etc.

É coordenado por J. Leite de Vasconcellos, alumno da Escola Medica do Porto, e custa 500 réis. Obra de utilidade para todos os homens de commercio e que teem correspondencia e transacções para todo o paiz, deve ter grande procura, porque poucas pessoas a podem dispensar.

A. DOS GUIMARÃES.

### Retrospecto da quinzena

Não será estranho que nós, de hoje em diante, abramos esta secção annunciando as honrosas visitas que recebemos dos assignantes do *Progresso Catholico*.

Ha dias fomos honrados com a visita do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Snr. Dr. João Augusto de Pinna, Desembargador da Relação Ecclesiastica d'Evora, e um dos ecclesiasticos mais fervorosos em promover o culto catholico na capital do Alemtejo.

No dia 2 do corrente fomos obsequiados com a visita do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Custodio de Moraes e Brito, Conego da Sé do Funchal, e dignissimo professor no Seminario da mesma cidade, e distincto orador sagrado.

S. Ex.<sup>a</sup> andava em viagem de recreio pelo reino, partindo d'aqui para Lamego, d'onde tencionava dirigir-se para a Madeira.

Que S. Ex.<sup>aa</sup> regressem a casa livre de perigos é o que do coração deseja o mais agradecido de seus admiradores.

A' benevolencia de S. Em.<sup>a</sup> o Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, que não a merecimentos nossos, nem ao valor da nossa Revista, devemos a honra de ser mimoseados com um exemplar de duas Provisões de S. Em.<sup>a</sup> ácerca da festividade dos dias 6, 7 e 8 do corrente, em homenagem á Natividade da Santissima Virgem, uma, e outra respeitante aos Seminarios.

Quanto á primeira, já vamos tarde publicando-a em o presente numero, e a segunda, publicá-la-hemos em o n.º de 30, por termos de dar cabida n'este n.º á que anteriormente havíamos recebido de S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> o Snr. Bispo da Guarda.

Da segunda terão nossos leitores conhecimento, quando a publicarmos; da primeira diremos que é a prova mais pura dos sentimentos catholicos e da fervida devoção para com a Santissima Virgem, que animam o venerando Prelado da Igreja Patriarchal de Lisboa.

A S. Em.<sup>a</sup> os nossos agradecimentos.

S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> o Snr. Bispo do Funchal, publicou uma Provisão declarando estabelecida na sua Diocese a *Associação da Sanctificação do Domingo*, tal qual se

acha já estabelecida em Lisboa, e como esta terá por objecto:

1.º Fazer cessar o escandalo da profanação do domingo e dos dias de guarda, sanctificando e fazendo sanctificar esses dias e procurando fazer reparação por aquelles que os profanam.

2.º Obter as benções de Deus sobre nós mesmos e sobre o paiz.

S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> é o Presidente da Comissão Central, e fazem parte da mesma comissão os R.<sup>mos</sup> Provisor e Vigario Geral, o Corpo Capitular, os R.<sup>mos</sup> Professores do Seminario e os Parochos da cidade e mais sacerdotes residentes na mesma freguezia, os directores da Conferencia de S. Vicente de Paulo.

Haverá comissões filiaes, que serão compostas dos R.<sup>mos</sup> Vigarios e curas das freguezias ruraes, etc.

Como nós nos congratularíamos se vissemos seguido este exemplo em todas as dioceses, e que esta associação se ramificasse por todas as cidades, villas e aldeias do nosso Portugal!

Depois que as nações teem cumprido uma das leis do Divino Mestre,—acabar com a escravatura, com essa desgraça que opprimia os nossos irmãos, que não nasceram da nossa cõr, é forçoso que uma outra escravidão desapareça; que o commerciante, que o caixeiro, que o empregado d'uma casa commercial vejam cahir em pedaços as cadeias de escravo que os prendem ao balcão; que os não deixam conhecer domingo nem dia santo; que os tem atrelados ao carro da ambição, e que os não deixa gozar da lei que ha dezoito seculos foi doada á humanidade por Jesus Christo, Senhor Nosso.

No dia 17 de agosto chegou a Aveiro S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> o snr. Nuncio Apostolico, representante da Santa Sé junto do governo portuguez. S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> veio passar alguns dias em companhia do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> snr. Bispo-Conde, e parece que tomar banhos de mar.

Foi entusiasticamente recebido pelo povo e clero de Aveiro e por toda a parte por onde passou recebeu S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> o snr. Arcebispo de Sardia as mais benevolas demonstrações de regosijo e respeitosa homenagem.

Na gare de Aveiro foram levantados vivas ao Grande Leão XIII, ao seu digno Representante, e ao Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> snr. Bispo de Coimbra.

Folgamos em registrar estas manifestações, que são prova de que o bom povo portuguez, apesar da descrença que campea por este paiz, alimentada pela imprensa que faz mau uso da sua missão, se conserva fiel ás leis da Igreja e respeitador dos seus ministros. Louvemos ao Senhor.

O *Seculo*, sem ser o das luzes, dava

ha dias vivas aos republicanos madeirenses, por que elles, diz o dito, vão fundar um centro republicano, *onde haverá todos os elementos para a instrucção popular*.

É de esperar que n'essa instrucção não esqueça a que ensine o povo a desrespeitar o digno Prelado da Madeira, a insultar as Irmãs da Caridade e o Clero. Que não esqueça isto é o que nós desejamos, para que os republicanos não desmintam do seu credo.

Pallamos dos republicanos portuguezes, que, como os francezes são atheus, e inimigos da Igreja por consequencia; fossem elles catholicos, que, quanto á forma de governo, não seriamos nós que lhe pozessemos peas. Mas o fim principal, é guerra á Igreja, como a mór parte dos *liberaes*, que não são republicanos.

A interessante e notavel Revista que, sob o titulo de—*O Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, se publica em Lisboa, diz o seguinte, ácerca do decimo quinto centenário de S. Damaso:

«Um centenário glorioso.—Escrevemos um amigo:—«A 11 de dezembro do corrente anno, contar-se-hão 15 seculos completos depois do transitio d'um grande santo, d'um verdadeiro heroe que nasceu em terra portugueza e foi um dos mais sabios e zelosos pontífices que occuparam a cadeira de S. Pedro nos primeiros seculos da Igreja. O papa S. Damaso, que os historiadores e hagiographos quasi todos fazem nascido na península iberica, é reconhecido portuguez por muitos auctores estrangeiros. Poucas são as glorias patrias que assim podemos exaltar com 1:500 annos de brilho inalteravel e de culto universal. Justo é que a festividade tantas vezes secular d'este grande Pontífice, n'este anno que perfaz um *millenario e meio*, seja celebrada em Portugal com esplendor extraordinario. Sobre tudo a cidade de Guimarães, que se preza com titulos muito plausiveis de lhe ter dado o berço, d've assignalar-se n'estes cultos, para não desmerecer tão illustre brazão, á vista das outras povoações que lh'o disputam porfiadamente.»

O que dizem os bons catholicos vimeiraneses? A todos elles, especialmente á benemerita Associação Clerical e aos devotos frequentadores da igreja de S. Damaso, na rua do mesmo nome, transmitimos a idea, que nos parece bella. Pelo menos uma solemne festa com seu triduo preparatorio, muitas confissões e communhões, etc. . . Os nossos prezados collegas do *Progresso Catholico*, da *Religião e Patria* e do *Espectador* hão de certamente approvar.»

O *Progresso Catholico* approva, e da melhor vontade tomaria a seu cargo o festejar digna e solememente um centenário que tanto honra o paiz e esta

terra que se ufana em ter sido berço do Santo Pontífice; falta-lhe porem o melhor, que n'estes casos vale mais que a boa vontade, e é os meios e influencia de que podem dispor a Associação Clerical; a irmandade do Cordão e Chagas, senhora da igreja de S. Damaso; e os dois jornaes da terra apontados pelo nosso illustrado collega e patricio, auctor da noticia que ahi fica. E seria mesmamente pedantice da nossa parte, antepormos a quem mais que nós pode fazer.

Como membro da imprensa catholica do paiz e filho d'esta terra, que estimamos, alguma cousa temos já preparada para esse dia.

Quanto ao mais, as corporações mencionadas, compostas de padres, e vimaraneses, não deixarão por certo de fazer o que em outra terra se faria em identicas circumstancias.

A *Gazeta de Famalicao* chamava ha dias a attenção das auctoridades administrativas de Famalicao e dos concellos visinhos, para um caso desagradavel que se deu ha dias no caminho de ferro de Guimarães, ao ser tirada das garras de uma mulher, que tem o bom officio de desencaminhar raparigas para as lançar no lodaçal medonho do vicio e da devassidão. Parece, segundo o nosso collega, que a mulher, chamada a Marquesinha, faz o recrutamento por Famalicao, Guimarães, etc.

A pobre e desventurada creança que, pela sua inexperiencia se ia atólar no pantano asqueroso da desgraça foi salva pelos passageiros!

Se alguma senhora, impulsionada pela sua vocação religiosa, se dirigisse para uma casa de educação, ou para um convento, não faltaria policia, auctoridades de pequeno e alto bordo, que se encarregassem de a salvar das garras do fanatismo; como esta de que nos occupamos ia para um lupanar, e os lupanares tem existencia legal perante a lei, porque alli, n'esse lugar de desmoralisação não se tenta trajar o habito monastico, unica cousa prohibida n'este reino liberalissimo, não podia a policia tomar parte, porque o não costuma fazer quando vae de encontro à *liberdade individual*.

Vamos a ver se os *Janeiros, Incolores*, e quejandos fazem o berreiro que soem fazer quando alguma menina é *seduzida* pelo *jesuitismo* para ir para Irmã da Caridade.

Vamos a ver. . . . .

Diz o nosso collega o *Journal de Estarreja*, que o snr. Antonio de Serpa anda pela Europa, por conta do governo para tractar da questão do Zaire, e que por esse monstruoso trabalho recebe a modica quantia de 545000 réis por dia, ou 1:6205000 réis por mez.

Não esqueça que ao mesmo tempo se deixa na miseria o professor primario, que não ganha em 6 mezes a rosca diaria que o governo dá ao afilhado, que viaja.

Progresso!!

Guimarães vae possuir mais uma casa de educação, com o que nos congratulamos deveras. Deve-se este melhoramento ao snr. Henrique de Carvalho, que, coadjuvado por alguns respeitaveis ecclesiasticos d'aqui, vem estabelecer um collegio para alumnos internos e externos. As disciplinas que se propõe leccionar são: Instrucção primaria, portuguez, francez, latim, latinidade etc. etc. O professor de latim e latinidade é o nosso amigo R.º Padre Antonio Joaquim Teixeira.

e é tambem um dos professores o esperangoso mancebo que ha pouco concluiu o curso theologico no Seminario de Braga, o snr. Manuel Lopes Martins.

Da competencia d'este nosso amigo pode ajuizar-se pela distincção com que frequentou o curso theologico, os varios discursos proferidos, e o esplendido sermão pregado ultimamente na igreja de S. Domingos, em honra da Virgem Nossa Senhora do Terço.

O Padre Teixeira é tambem director espiritual do collegio.

A municipalidade de Roma, apesar de não morrer de amores pelas ordens religiosas, pediu á auctoridade ecclesiastica para benzer o lazareto, e requisitou algumas Irmãs da Caridade para se collocarem á testa do mesmo estabelecimento.

Esta noticia bom é que seja conhecida, bem conhecida, mórmente em Guimarães, que é onde parece haver-se desenvolvido mais uma terrivel molestia ophthalmica que não deixa ver as Irmãs da Caridade nem as suas obras, que tem causado a admiração do mundo civilisado.

Muito agradecido patrioticos ministros, que em nome da liberdade governaes este infeliz povo. Em nome da freguezia de Beire, no concelho de Paredes, vos enviamos os mais freneticos agradecimentos.

Vão no dia 8 de setembro á praça, perante o governo civil do Porto varios foros pertencentes á dita freguezia, que foram avaliados em 1:8105330 réis, e que o governo, no muito *louvavel* intento de livrar os povos de Beire da desconsideração de não terem grandes contribuições parochias, tem a *amavel generosidade* de offerecer os ditos foros pela decima parte, isto é, pela modica quantia de 1815023 réis!

Vã, agrupem-se os agiotas em volta do governo civil do Porto, que o governo nosso senhor está resolvido a fazer a felicidade de Portugal.

Bravo! mil vezes apoiado! Arraze-se, arraze-se tudo, que a época é do arrazamento.

Recebemos e agradecemos o relatório do *Monte-Pio Commercial Vimaranesense*, apresentado á assembleia geral na reunião de 23 de janeiro de 1884. Folgamos em registrar o estado prospero de tão util instituição, e fazemos votos para que de anno para anno augmente o seu estado de prosperidade.

Não costumamos fazer erratas, porque o leitor facilmente corrige certos erros que todos os n.ºs saem n'esta nossa revista; d'esta vez, porém, não podemos deixar de fazer uma *corrigença*. No passado Retrospecto, paginas 25, 3.ª columna, onde se lê: *quem pôde dizer-se cathedratico, sem que seja reaccionario*; deve ler-se: *quem pôde dizer-se catholico, sem que seja reaccionario*.

Tem cousas os typographos!  
J. DE FREITAS.

OS AMIGOS DO «PROGRESSO CATHOLICO»

NOMES DAS PESSOAS QUE GRANGEAM ASSIGNATURAS PARA ESTA REVISTA

Os Ex.ºs Srs. e as Ex.ºas Srs.:

Padre José Francisco dos Reis . . . . .	2	Alfredo Evaristo Rodrigues . . . . .	4
Padre Manuel Lourenço Gonçalves . . . . .	3	Antonio Joaquim Cardozo de Figueiredo . . . . .	2
Dr. Joaquim José F. de Faria Silva . . . . .	1	José Pires Albom . . . . .	5
Padre Manuel Antonio Melleiro . . . . .	1	Duarte Pereira Dias Ribeiro . . . . .	1
Padre José Maria de Souza . . . . .	1	Padre Antonio de Paula Vieira . . . . .	4
Padre José Alves dos Santos . . . . .	1	Francisco Augusto Franco . . . . .	1
Padre Luiz Pereira Barreto . . . . .	1	Padre José da Costa e Oliveira Pinto . . . . .	1